

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

**A ESCRITA DE SI NA REDE SOCIAL VIRTUAL FACEBOOK DE MULHERES
COM BAIXA ESCOLARIZAÇÃO¹
THE WRITING OF THE SELF ON WOMEN WITH LOW LEVEL OF
EDUCATION'S FACEBOOK**

Naira Leticia Giongo Mendes Pinheiro², Maria Simone Vione Schwengber³

¹ Projeto de pesquisa de doutorado em Educação nas Ciências - Unijuí

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Unijuí. Bolsista CAPES.

³ Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Unijuí - Mestrado e Doutorado.

Resumo: Neste artigo analisamos dados produzidos a partir do Projeto de Pesquisa “Mulheres rurais, cuidados de si e práticas de lazer”, a partir da constatação da baixa escolaridade das mulheres pesquisadas, discutimos a presença dessas na rede social virtual Facebook. A partir das entrevistas semiestruturadas, produzimos um gráfico e seus discursos analisamos a partir do método de análise do discurso (FOUCAULT, 2014). Nos questionamos: Qual a escrita de si produzida na rede social virtual facebook por mulheres rurais com baixa escolarização? Para isso, tomamos essas escritas de si como produtoras de identidades e marcadores de lugares de fala dessas mulheres rurais, e nesse movimento de análise destacamos que a baixa escolarização não é empecilho para a existência digital e um exercício político na rede social, que permite um lugar, uma visibilidade que talvez não fosse possível fora dela.

Abstract: In this paper, we analyze the data produced by the Research Project “Rural women, self-care and leisure practices”. By finding the low level of education of the women interviewed, we discuss their presence on *Facebook*. We produced a chart from the semi-structured interviews and analyzed their discourses through the discourse analysis method (FOUCAULT, 2014). We asked ourselves: What kind of writing of the self is produced by rural women with low level of education on Facebook? For this purpose, we have taken such writings of the self as identity makers and place markers of rural women’s speech, and within this analytical movement we emphasize that low level of education does not constitute an obstacle for digital existence and political exercise on social networks, which grants a place, a visibility that, perhaps, would not be possible in the real world.

1 INTRODUÇÃO

Foram muitas as mudanças que ocorreram na contemporaneidade - uma delas diz respeito as tecnologias, principalmente relacionadas às novas formas de comunicação. Estamos vivendo conectados e em rede, num número cada vez maior de interconexões e de interações, confrontos de ideias, uma ampliação social que confere o direito de fala e de escrita. Emergem desse movimento novas formas de comportamento, de ideias, de valores, que se propagam,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

principalmente pelas redes sociais virtuais, no qual ninguém está imune a elas.

Neste artigo nos propomos a discutir a presença de mulheres rurais na rede social virtual Facebook com baixa escolaridade. Em pesquisas anteriores^[1], constatamos uma significativa porcentagem de mulheres (75,33%) que não deram sequência nos estudos e/ou concluíram apenas o Ensino Fundamental, mas estão presentes na rede e fazem publicações cotidianamente, as quais tomamos como escritas de si.

Ao pensarmos que as imagens que as mulheres publicam são do cotidiano, não precisaríamos pensar no esquecimento e na desvalorização do trabalho da mulher rural, porque essas escritas de si, são relatos do seu dia a dia no meio rural, podendo ser refeitas a qualquer momento e publicadas na rede. São essas escritas do trabalho que dignificam e demarcam um lugar. Precisamos pensar a memória e o esquecimento, dá visibilidade para pensar na necessidade de ser vista, de existir na rede. Assim, as mulheres ao publicar e tornar acessível parte de suas vivências no meio rural, externalizam suas impressões e leituras do dia-a-dia, para registrar e marcar o tempo presente através desses registros. Da mesma forma como nos levam ao nosso questionamento que nos propomos a fazer aqui, quanto as suas escolarizações.

2 METODOLOGIA

Este artigo é construído a partir da análise de campo empírico produzido na pesquisa “Mulheres rurais, cuidados de si e práticas de lazer”. Foram entrevistadas 223 mulheres. Entrevistas semiestruturadas foram transcritas na íntegra e os dados produzidos possibilitaram elencar em tabela do Excel, entre outros dados, os níveis de escolarização das mulheres pesquisadas. A partir dessa tabela, foi possível aplicar filtro e chegar aos números de mulheres que tem escolaridade inferior ou igual ao Ensino Fundamental. Após cálculo, chegamos a porcentagem de mulheres com essa escolaridade, o que nos permitiu elaborar um gráfico que junto com os seus discursos produzidos por ocasião das entrevistas semiestruturadas aplicadas durante o desenvolvimento do projeto, serão analisados pela análise do discursos (FOUCAULT, 2010).

Para Foucault os discursos são recursos de ditos, discurso possível, porque determinados discursos são aceitos como verdadeiros e não outros em seu lugar. Afirma Foucault (2010, p. 48) que,

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, isto se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa de consequências de si.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

A análise do discurso, no entanto, é uma prática que permite observar os sentidos (FOUCAULT, 2010). Assim, tomei as entrevistas como discursos, pois nos permitem a compreensão dos modos de funcionamento dos ditos, os princípios de organização e as formas de produção social dos sentidos discursivos (FOUCAULT, 2010). Com o intuito de situar os pressupostos de sentidos que carregam os discursos, com quais estratégias se relacionam e quais as propostas enunciativas que se produzem a partir dos enunciados discursivos das narrativas discursivas das mulheres pesquisadas. Na concepção de Schwengber (2006, p. 45) os discursos “constroem e implementam significados por meio de procedimentos internos que regulam, classificam, selecionam, incluem e excluem, os quais, por sua vez, produzem e legitimam o que é aceito como verdade em um determinado tempo e lugar”.

Os discursos são "efeitos de sentidos", em que a análise do discurso será um quadro de referência conceitualmente organizado, mas metodologicamente aberto, ouvindo com atenção o que dizem e como dizem as entrevistadas. Fernandes (2011, p. 5) afirma que “para a análise do discurso interessa o estudo das relações de poder uma vez que os enunciados, inscritos nessas relações e discursivamente produzidos, apontam para posições-sujeito, e essas posições integram exercícios de poder que se opõem”. A esse respeito Foucault (2010, p. 8)

[...] supõe que em toda sociedade, a produção no discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominarem seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Nesse sentido, cabe valorizar os discursos pelo que dizem e o que significam para as mulheres que os dizem. Logo, a metodologia opera-se desde o percurso para a casa das mulheres, o contato com cada uma, a aceitabilidade de conceder as entrevistas por intermédio da carta de ceção de direitos, a entrevista em si, a transcrição e a análise dos dados produzidos. Para isso, considero que “os discursos são lugares de lutas permanentes; os enunciados são os ditos e, nem sempre, são óbvios e exclusivos” (ALVEZ; PIZZI, 2014, p. 81). Diante disso, nas palavras de Alves e Pizzi (2014, p. 81), “é preciso atentar para as práticas discursivas e não discursivas; é preciso ampliar o olhar da pesquisadora”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A possibilidade de acesso e compartilhamento através da mídia, redes sociais, canais publicitários, vem balizando cada vez mais a velocidade midiática. Nunca antes tínhamos disponível tantas informações como em nosso tempo, “um excesso de produção de instantâneos do nosso cotidiano”

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

(HENRIQUES, 2014, p. 63). Essas publicações nomeamos como memórias do tempo presente, que permitem tomarmos conhecimento sobre os eventos cotidianos das mulheres pesquisadas.

Na concepção de Henriques (2014, p. 58), “as narrativas registradas nas redes sociais seriam mosaicos que possibilitam uma leitura da memória social através das junções de seus vários pedaços”. O aumento da visualidade do que se produz na agricultura, com o que se trabalha, ocorre a partir das redes sociais virtuais. Neste caso, acompanhar as narrativas permite fazer leituras de algumas vivências das mulheres camponesas do Município de Jóia/RS, bem como compreender o falacioso processo de escolarização vivenciado por elas no meio rural.

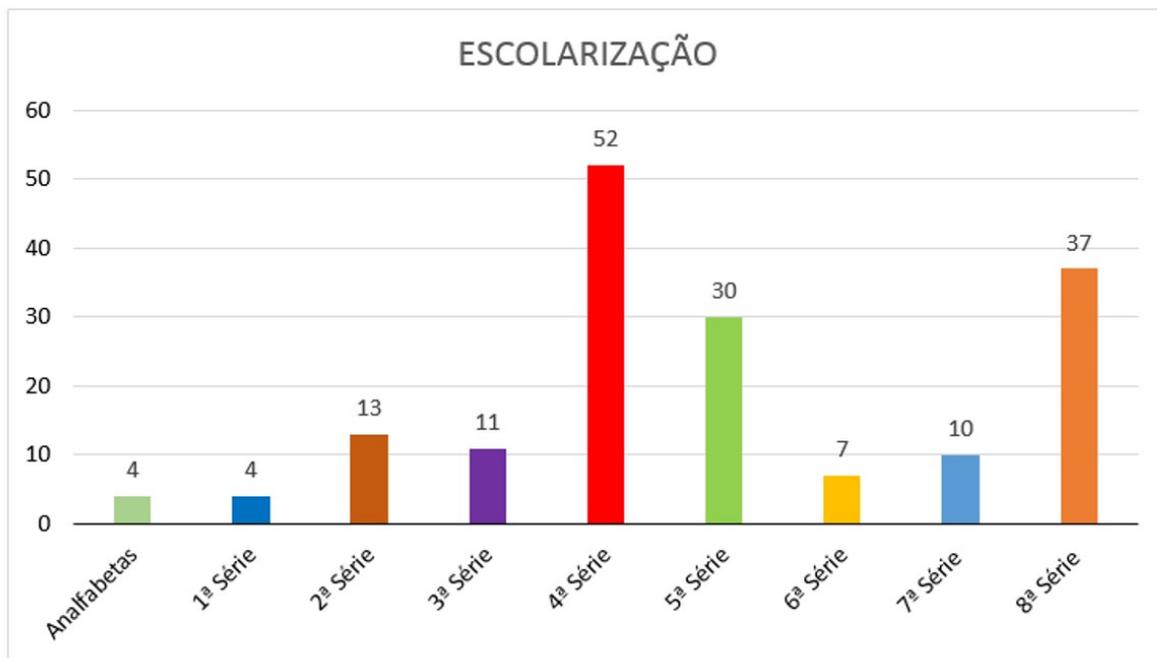
Cabe destacar a acepção que temos de escolarização. Escolarização é um dispositivo do projeto moderno de sociedade. Tomamos como “uma rede que se estabelece diante de elementos heterogêneos que envolvem os discursos, o espaço escolar, as ideias, o currículo, os materiais escolares, os procedimentos administrativos” (VEIGA, 2002, p. 91). Segundo Andrade (2008 p. 161) a escolarização “modela e interfere em muitas das dimensões e relações que as pessoas estabelecem consigo mesmas, com os outros e com o mundo, e resulta disso uma grande frustração quando esta não dá conta de transformar sozinha as condições de vida do sujeito”. Nesse sentido, aquele que não concluiu um certo tempo de escolarização é porque não atingiu as habilidades dele esperadas.

No recorte que nos propomos a fazer, das 223 mulheres pesquisadas, 168 dessas estudaram até a 8ª série como pode ser visualizado no gráfico abaixo, elaborado de acordo com o número de mulheres e a série cursada.

Gráfico 1 - Escolarização das mulheres pesquisadas

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa



Fonte: PINHEIRO; SCHWENGBER, 2018.

Do total de mulheres pesquisadas 75,33% não deram sequência aos estudos, estudaram até 8ª série. Desse total, a maioria 30,95% estudaram até a 4ª série, ou seja, metade dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Quando questionadas quanto a sua escolarização, nos seus discursos, refletem: “a prioridade era dos meninos”, “aqui não tinha acesso”, “dávamos prioridade para o trabalho”, “o estudo não tinha o valor que tem hoje”, “ler o básico já era suficiente”.

Seus discursos andam na direção da aceção que temos da educação no meio rural, onde o acesso não era para a grande maioria, deixando de fora principalmente as mulheres. A meta de educação para todos já estava estabelecida no Brasil no período que essas mulheres deveriam ter frequentado a escola, mesmo que precariamente. Nesse sentido, essas mulheres são frutos da baixa escolarização, no qual a educação escolar foi e continua a ser caracterizada por um certo elitismo na cultura brasileira e pela exclusão dos oriundos de classes populares. A educação de classes populares, é composta pela população negra, de escravos, de camponeses, que por sua vez estavam excluídos da escola regular. Nessa direção, os discursos oficiais e das mulheres rurais em questão considera a educação supérflua.

O alto número de mulheres rurais que não tiveram condições de continuar estudando, pelo motivos como fora discursado, fazem ao nosso ver um trabalho de resistência. Estar na rede, se inscrever e permanecer mesmo diante do exercício da leitura e da escrita com as dificuldades, faz

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

delas pessoas públicas, que ganham voz, até então não tida até tempos atrás. Para Margareth Rago (2013, p. 32) “o anonimato caracterizou a condição feminina até algumas décadas atrás”. Atualmente a sociedade tem assistido e insistido na visibilidade do privado e são inúmeras as estratégias para se colocar no modo público, através das redes sociais como o Facebook.

A escrita de si ao longo da história esteve presente nos diários e cartas. Nomeada por historiadores como Rago (2010) e Foucault (1992) como uma escrita de si intimista. A escrita de si para Foucault (1994) é uma das atividades construtivas das ‘estéticas da existência’. Rago (2010, p. 5) complementa ao afirmar baseada em seus estudos foucaultianos que é “como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se elabora e constitui a própria subjetividade nos marcos de uma atividade que é essencialmente ética, experimentada como prática de liberdade e não como sujeição”.

Depois dos diários íntimos, os avanços tecnológicos e o surgimento de tecnologias como a internet, blogs permitiram alavancar a escrita de si. Esses são objetos de estudos de quem analisa uma escrita de si intimista, abrange porém, um grande público e permite-lhe comentar e mantém diálogo sobre a escrita com seu leitor. É nesse ambiente virtual que o diário sai da gaveta para o modo público por meio da tela, sem segredos, ele vai captar leitores de narrativas de si. A escrita de si concede visibilidade a quem escreve na internet.

A escrita de si a partir da rede social virtual Facebook, perpassa publicações públicas, na qual a grande maioria é acompanhada de imagens que permitem compor as narrativas de si. As imagens formam um mosaico que permite contar a história do presente das mulheres pesquisadas, ganhando visibilidade. Mota (2008, p. 196) afirma que “as mulheres trabalhadoras rurais, antes de se constituírem como categoria política presente publicamente, estiveram colocadas nos lugares obscuros e fora da acústica da história”. Ao acessarem e publicarem na rede social virtual Facebook encontram um espaço de participação que antes lhes foi negado.

As redes sociais, aqui em especial o Facebook é, segundo Oliveira (2016, p. 13) “um ambiente essencialmente social que parece permitir a produção de si de forma mais autônoma, já que os sujeitos estão a todo o momento interagindo não apenas com os outros, mas numa primeira instância consigo mesmos”. A rede social permite contato com uma vasta gama de informações e pessoas. Informações das mais diferentes origens e gêneros e pessoas com certa proximidade ou não. Publicações, propagandas, inúmeras ferramentas que produzem subjetividades. Nosso comportamento vai se adaptando a uma nova conjuntura diante das redes e conseqüentemente nossa subjetividade passa a ser produzida de forma diferente também, pois são novos os mecanismos e processos de construção de si.

A rede social virtual Facebook, ao permitir ao usuário criar sua biografia, definir-se em poucas palavras. Cria-se um perfil contendo as principais informações como cidade natal e onde reside, estado civil, trabalho, estudos e um álbum com imagens de destaque, no qual a autora autoriza o que se quer mostrar. As publicações de fotos, textos, vídeos, sentimentos, check-in vão sendo armazenadas no perfil em formato de linha do tempo e a rede cria um histórico sobre as principais atividades desenvolvidas e traz estas publicações como memórias para o usuário sempre que elas

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

completam um ano. Com todo esse aparato, ampliam-se as ferramentas que favorecem a escrita de si.

Oliveira (2016, p. 131) entende a

escrita de si, sobretudo nesse momento específico da história, como a prática que externa o movimento de introspecção e subjetivação, no entanto, talvez agora surgindo num processo invertido, em que primeiro se expõe pra depois passar a refletir, sendo num primeiro momento mais do que introspectivo, alterdirigido.

Autores como Foucault (1992) e Guattari (2011) discutem e interrogam os agenciamentos e dispositivos de subjetivação, bem como procuram compreender qual tipo de subjetividades passam a ser produzidas por meio destes. As redes sociais têm demonstrado ser um dos ambientes mais fecundos das escritas de si, onde ocorrem produções de si e subjetivações.

Margareth Rago (2013) narra a história de sete mulheres que lutaram contra as repressões militares a partir dos anos de 1970. A luta por direitos e afirmações foi uma forma de escrever-se para o mundo, dominado sobre a égide machista. De maneira análoga, penso que as mulheres rurais estão se escrevendo ao publicarem suas imagens e escreverem na rede social, de forma a projetar um contexto de vivências das suas ruralidades muitas vezes despercebidas.

Rago (2013, p. 30) afirma que Foucault “discute a escrita de si como prática da liberdade constitutiva das estéticas da existência”. A linguagem como uma prática de relação de si para consigo e para com o outro. Para a autora (2013, p. 30) “a linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas e de que o real-social é construído discursivamente”.

A linguagem e o discurso como meio pelo qual se organizam a dominação cultural e a resistência precisam ser levados em consideração (Rago, 2013). O discurso para Foucault (2008, p. 55)

pode ser compreendido enquanto um conjunto de enunciados, que não só designa as coisas, mas as produzem, podendo ser tido como práticas que, formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

É nesse momento que considero as mulheres rurais sujeitos autorais, que se produzem, constroem narrativas e escritas de si, modelando e estetizando suas vidas para todos que estão conectados à rede social mesmo com baixa escolaridade. Souza (2008, p. 44) postula que tomar a escrita de si como um caminho para o conhecimento “numa perspectiva hermenêutica, não se reduz a uma tarefa técnica ou mecânica. O pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas”. As mulheres estariam nesse sentido, ao escreverem de si, educando-se também.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

A questão da escrita de si e do narrar-se relacionada à educação aparece na obra de Larrosa (1994) voltada para as tecnologias do eu na educação. O autor (1994) discute como se dá a experiência de si por meio do que classifica como dispositivos pedagógicos. Para ele, o ser humano seria resultado dos mecanismos que o levam a manter uma relação reflexiva consigo mesmo, através dos quais se vê, produz-se, julga-se, domina-se, se narra-se e como visto, mostra-se. Entende-se como dispositivos pedagógicos, todos e quaisquer lugares onde a experiência de si de constitui e se transforma, aprende ou se modifica as relações que se estabelece consigo mesmo. Isto leva a perceber as redes sociais como uma espécie de dispositivo pedagógico educativo, na medida em que há uma constituição de si através da escrita, já que ao se narrarem e se publicarem, as mulheres passam a refletir sobre si mesmas ao mesmo tempo em que descrevem e expõem suas ruralidades, aprendem com outros recursos de leitura e escritas que antes não tiveram acesso.

A escrita de si e o narrar-se na rede é um movimento político, uma prática que externa o movimento de exposição e subjetivação. Rago (2013) destaca que camponeses, operários e outras figuras sociais foram impedidas de escrever a própria história. A escrita de si e suas narrativas permitirão cartografar a subjetividade das mulheres pesquisadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rede social é um espaço democrático, dinâmico e possibilita as mulheres publicizarem cotidianamente discursos das suas vivências no meio rural. A escrita na rede permite elas manterem uma consciência crítica da realidade local. Faz do uso da leitura e da escrita precária no ambiente plural uma possibilidade de reivindicação para os ensejos de acesso às condições mínimas de trabalho. Podemos chama-las de cidadãs atuantes.

Exaltamos a permanência na rede por parte dessas mulheres, considerando a baixa escolarização, pois fazem disso um exercício político, um posicionamento que corrobora para que outros discursos venham a aparecer e operar numa lógica de mobilização, dando visibilidade a vozes até então excluídas dos espaços públicos.

Consideramos as mulheres rurais sujeitos autorais, que se produzem, constroem narrativas e escritas de si, modelando e estetizando suas vidas para todos que estão conectados à rede social. O pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas. As mulheres estariam nesse sentido, ao escreverem de si, educando-se também.

Nesse sentido, a experiência de si que constitui, transforma, produz, emerge das relações que estabelece consigo mesmo e na rede social. Isto leva a perceber as redes sociais como uma espécie de dispositivo pedagógico educativo e que permite o exercício político, na medida em que há uma constituição de si através da escrita, já que ao se narrarem e se publicarem, as mulheres passam a refletir sobre si.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

REFERÊNCIAS

ALVEZ, J. M. D.; PIZZI, L. C. V. Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, jan./jun. 2014.

ANDRADE, S. S. Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FERNANDES, C. A. **Discurso e produção de subjetividades em Michel Foucault**. Laboratório de estudos discursivos foucaultianos. Uberlândia - MG, 2011. Disponível em: <<http://www.foucault.ileel.ufu.br/ledif/publicacoes/discurso-e-producao-de-subjetividade-em-michel-foucault>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed Loyola, 2010.

_____. Arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

GUATTARI, F. Da produção de subjetividade. In: A. Parente (Org.), **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 4ed. 2011.

HENRIQUES, R. M. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais**. 2014. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LAROSSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOTA, M. D. B. Falas de mulheres: narrativas de trabalhadoras rurais em

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

músicas e poesia. VI Congresso Português de Sociologia. 2008. **Anais...**, Disponível em: <<http://historico.aps.pt/vicongresso/pdfs/215.pdf>>. Acesso em: 19 de junho de 2018.

OLIVEIRA, P. R. D. **Subjetividade e escritas de si no blog “Cem Homens”**: Uma análise dos sujeitos contemporâneos no ciberespaço. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, 2016.

RAGO, L. M. **A aventura de contar-se**: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

SCHWENGBER, M. S. V. **Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SOUZA, E. C. (Auto)Biografia, Identidades e Alteridade: Modos de narração, escritas de si e práticas de formação na Pós-Graduação. **Revista Fórum Identidades**. Ano 2, v. 4, n. 4, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1808>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

VEIGA, C. G. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, p. 90-103, n. 21, set./dez, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a07>>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

[1] Projeto de Pesquisa “Mulheres rurais, cuidados de si e práticas de lazer” de 2013 a 2015 e dissertação de mestrado “A memória do presente - entre o trabalho e o lazer - na rede social virtual *Facebook* de mulheres camponesas do Município de Jóia/RS” concluída em 2017.